

INFÂNCIA (IN)VISÍVEL¹

Gilza Maria Zauhy Garms²

Esse livro é instigante e inova ao trazer para o campo da educação infantil retratos de “infâncias” do ponto de vista das crianças. O título “Infância (in)visível”, como afirmam seus organizadores, se justifica pelo fato de que, por vezes, as sociedades ignoram suas crianças e ao fazê-lo deixam de respeitar o direito delas de viver a infância; esquecimento duplo que os pesquisadores brasileiros e portugueses buscam, por meio de seus artigos, subverter, e o fazem estabelecendo um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento científico. A despeito da diversidade das formações acadêmicas, das experiências profissionais e abordagens metodológicas, os autores possuem em comum a Educação como campo de trabalho e como objeto de estudo a busca da compreensão dos modos de vida próprios das crianças em diferentes culturas; além do interesse em detectar as maneiras das crianças lidarem com um universo criado por elas próprias, sem contudo, desconectá-lo do mundo adulto. As crianças e a infância estão no centro das investigações; portanto, empenham-se em conhecer as crianças através do que é expresso por elas, observando suas ações em contextos diferentes da contemporaneidade e, neste contexto, detectam como aprendem valores e criam estratégias de compreensão do mundo e de formação de suas próprias identidades pessoal e social. Nesse processo, a criança ressignifica a cultura, apropriando-se dela ao reinventá-la.

Assim, o intuito do livro é fazer sobressair as diferentes linguagens, memórias, vivências e modos de subjetivação das crianças; pois, por meio delas a “infância” passa a adquirir contornos mais nítidos no interior dos complexos modos de organização cultural. O objetivo do livro, nas palavras dos organizadores, pode ser assim descrito: “Os dez artigos apresentados não têm o propósito orgânico e unificador, não visam acordos ou consensos sobre questões da infância; ao contrário, não nos afastamos de diversidade de idéias, nem mesmo das divergentes concepções, próprias à lógica que não preza o pensamento linear e único.

¹ Resenha livre de VASCONCELOS, Vera M. R de; SARMENTO, Manuel J. (org.) Araraquara: Junqueira e Marin, 2007.

² Doutora em Educação pela FFC/UNESP de Marília; Professora da Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação da FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP. E-mail: gmzauhy@hotmail.com

Atentos que somos à infinitude de abordagens que falam sobre as crianças, mas que pouco falam com as crianças, decidimos transgredir essa norma, conectando discursos voltados a assegurar visibilidades às numerosas formas de organização de pensamento e ações das crianças”. (p. 11).

Nesse contexto, o primeiro texto, de Manuel Jacinto Sarmiento, aborda a questão da central da (in)visibilidade da infância, apresentando-a como decorrente do conhecimento científico produzido até a modernidade. Estas reflexões sedimentam o alcerce discursivo presente nos textos subseqüentes. Propõe-nos uma lógica para conhecê-las, indo além da tradicional visão de falta atribuída à infância e da invisibilidade física que a coage física e moralmente, negando-lhe cidadania plena na atualidade.

A ordenação dos capítulos que se seguem tem como ponto comum as (in)visibilidades da criança que serão, no decorrer do livro, reveladas. Neste sentido, o mapeamento de práticas e propostas apresentadas pelos autores divide-se em três eixos: “criança e cultura”, “criança e lugar” e “criança e proteção à vida”.

O primeiro eixo coteja quatro textos que discutem diferentes formas de manifestações culturais e a expressividade de suas crianças e em comum apregoam a necessidade de elaboração de propostas pedagógicas voltadas à especificidade de diferentes infâncias.

No primeiro artigo, Domingos Barros Nobre, a partir das propostas de escolarização para as comunidades indígenas do Rio de Janeiro, traz as seguintes questões de análise: De que crianças falam os professores indígenas? Para qual criança a escola está sendo pensada? Que concepção de infância têm os guaranis? Como são as crianças das aldeias? De que brincam? Como aprendem? Como os adultos se relacionam com elas? Buscando respostas as questões postas, nos alerta a considerar tanto o ponto de vista da criança, como também tentar entender, dentre outras coisas, qual o lugar da infância nas sociedades guarani, tendo em vista a mudança que haverá na infância destas crianças com a chegada da escola.

No texto seguinte, uma experiência portuguesa é trazida por Maria da Conceição Ventura, que busca compreender o significado de “ser criança num contexto de educação formal”. Ao fazê-lo, aborda as interações de crianças ciganas e não-ciganas, posto que a presença de crianças de etnias distintas em contextos educacionais tem sido cada vez mais comum em Portugal. O estudo aponta serem as crianças afrontadoras da ordem social instituída, bem como alerta para o grande desafio que é uma educação multicultural, realmente voltada para a

inclusão do “outro”, a valorização das diferentes culturas, cabendo ao educador assumir o papel de mediador de culturas desde a educação infantil.

O terceiro texto deste eixo, escrito por José Araújo Marques, relata outro estudo português, que discute questões relativas a “nova ruralidade”. Neste sentido, defende e valoriza o meio rural apresentando o projeto Escolas Rurais, projeto este que busca a recuperação das raízes culturais de seu povo.

Em seguida, Liana Gonçalves Pontes Sodré, descreve a triste realidade brasileira de abandono dos desempregados do campo e suas famílias, que organizaram no MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O estudo relatado foi realizado em atendimento   solicita o do acampamento da cidade do Prado, no sul da Bahia, que reivindicava uma proposta de educa o infantil para crianças menores de 6 anos. A autora aponta a relevância na elabora o de um nova proposta pedagógica que respeite e valorize o universo sociocultural de todos os sujeitos envolvidos: homens, mulheres e crianças.

O segundo eixo do livro “Criança e lugar” abrange três textos, que abordam, de forma inovadora, a questão do pertencimento da criança aos lugares que habita. Embora adotem perspectivas teóricas próximas, os textos criam, a partir da abordagem etnográfica, categorias próprias, que expõem as crianças como informantes qualificados de seus deslocamentos geográficos e c ncios do efeito de tais movimentos em seus propósitos de vida.

Assim, o texto escrito por Jader Janer Moreira Lopes tem por objetivo compreender o efeito o deslocamento geográfico na vida de crianças oriundas da Zona da Mata de Minas Gerais - Brasil; com questões instigadoras tais como: Como as crianças que migram, que deixam seus lugares, constituem suas identidades? Como ocorrem seus pcesos de territorializa o? Como dialogam com as dimensões de espaço e lugar?, o autor buscou desvelar o significado que as constantes mudanças de lugar de moradia traziam   constru o da infância destas crianças e como no espaço escolar se situa esta composi o.

No capítulo seguinte, Glaucineide do Nascimento Coelho retrata a localidade como espaço/lugar que pode produzir a afetividade e a identidade de infância diferenciadas na maior favela da America Latina, a Rocinha, no Rio de Janeiro, por meio de brincadeiras e as apropria es de alguns espaços livres, transformando-os em lugares de constitui o de histórias de cidadanias e infâncias plenas.

A seguir, Maria Adelaide Rua apresenta um estudo sobre dimensões de vida de crianças pertencentes aos bairros populares/sociais de Portugal por meio de diferentes formas de expressão daqueles que freqüentam a escola local. Comparadas às favelas brasileiras, são “territórios segregados e estigmatizados em situação de ruptura com o restante do espaço urbano”. A análise feita permite ao autor constatar que as crianças percebem seus “lugares sociais” e as representações que os “outros sociais” têm delas e que, portanto, a diferença de percepção entre crianças e adultos não é quantitativa, mas qualitativa.

Os dois últimos textos que compõem o terceiro segmento “Criança e proteção à vida”, apontam questões que procuram superar a visão de crianças como portadoras de necessidades e de instituições responsáveis por seus cuidados, sempre em estado de precariedade e transitoriedade.

Desta forma, Natália Fernandes relata experiências de crianças internadas numa instituição de acolhimento infantil, trazidas por seus familiares ou por algum tipo de determinação judicial. Partindo de três paradigmas da Sociologia, tais como: proteção, dependência e emancipação na infância, nos conduz à reflexão sobre as infâncias aí produzidas.

O último capítulo, escrito por Rejane de Souza Fontes, nos traz a experiência da pedagogia hospitalar com crianças em processo de internação e reinternação, avaliando a ressonância de tal prática na saúde infantil. Observa o cotidiano de infância desfiguradas por doenças e com base na análise de relatos das próprias crianças, discute ações pedagógicas que tenham como foco esta criança como sujeito de direito a uma infância saudável.

Assim, as crianças retratadas no livro nos desafiam a dar valor aos modos diversos de seus deslocamentos e escolhas ao tentar compreender como tais movimentos produzem interferência no rumo e na construção de suas vidas, uma vez que a apropriação dos espaços e as escolhas feitas por elas refletem diversidades e desigualdades resultantes da posição social, gênero, etnia e experiência escolar vivida. É leitura obrigatória para todos os envolvidos com a infância, pois sensibiliza os olhares para as “falas” das crianças - assumindo-as como sujeitos de direitos e histórias singulares - construtoras e ressignificadoras de suas próprias vidas.

Cumpramos, enfim, que a leitura dos textos, como bem expressa seus organizadores, “formam-se ao menos duas certezas: a primeira, da complexidade envolvida nas tentativas de compreender essa

etapa da vida nos diferentes contextos socioculturais aqui apresentados; a segunda, da impossibilidade de uma visão de infância única - universal - que é também a impossibilidade de uma única forma de compreender as crianças em seus distintos mundos. A essas certezas soma-se uma esperança: a de termos rompido com suas invisibilidades, tornando-as visíveis para todos que leem suas histórias e geografias, materializadas nas páginas deste livro".(p. 23).

Recebido em dezembro de 2007

Aceito em maio de 2008

